

CONTOS DA ROMÃ

Em tempos que já lá vão, numa aldeia do Algarve Ocidental, vivia com os velhos avós, um menino chamado João.

A aldeia de ruas empedradas e limpas, ladeadas por casas térreas bem cuidadas, cercada por hortejos e pomares e, a norte, por denso pinheiral, facilmente inspiraria um pintor de paisagens idílicas, não fora nela mandar um sujeito rico e poderoso, vermelhusco e rezingão a quem tratavam por Barão.

A casa onde viviam, aliás como a maioria das casas da aldeia, pertencia ao tal Barão que cobrava uma renda anual cujo valor aumentava consoante a disposição, por norma ruim, com que acordava no primeiro dia de cada ano novo.

Naquele ano o Barão estipulou uma renda incomportável com o escasso rendimento dos avós do João, ameaçando-os de despejo no caso da renda não ser liquidada até determinado dia.

Na véspera da data apazada, à hora da ceia, João deu conta da aflição dos avós que mal tocaram num xerém que fervia ao fume.

Deitou-se, mas às reviravoltas na cama, só adormeceu já a aurora despontava após ter tomado a decisão de ir falar com o Barão.

E, assim, no dia seguinte à tardinha, de calção e jaqueta, colheu a maior e mais dourada romã que crescia na romãzeira do quintal e dirigiu-se à casa do Barão que dominava a aldeia à beira do pinheiral.

O Barão estava à mesa a acabar uma travessa de borrachos que tivera por jantar e recebeu-o com má cara mas lançou um olhar guloso à romã e decidiu ouvi-lo.

E então João nomeou as dificuldades porque passavam os avós e propôs que, em troca da renda da casa, ele viria ali todas as noites contar um conto, todos diferentes e tantos quantos os bagos daquela romã.

Ora, naqueles tempos em que não haviam rádio e televisão, o Barão considerou que ouvir um conto seria uma excelente forma de passar o serão tanto mais que

eram muitas as noites em que as insónias o afligiam e aceitou a proposta.

E João começou: “Em tempos que já lá vão...”

Santa Rita